

## **Caixa Coletivo e Rede de Trocas como estratégia de finanças solidárias para coletivos culturais: caso do Coletivo Fuligem de Ribeirão Preto/SP**

Nathália Fernandes da Silva - Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciência Tecnologia e Sociedade (PPGCTS), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria Zanin - Professora sênior do Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol) e do PPGCTS (UFSCar).

Ioshiaqui Shimbo - Professor aposentado do do Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol) da UFSCar.

Danilo Malta Ferreira - doutorando no PPGEU (UFSCar)

Callil João - doutorando PPGCTS (UFSCar)

[nathaliaboccaccione@gmail.com](mailto:nathaliaboccaccione@gmail.com)

[mariazanin55@gmail.com](mailto:mariazanin55@gmail.com)

[ishimbo50@gmail.com](mailto:ishimbo50@gmail.com)

[dnylon@gmail.com](mailto:dnylon@gmail.com)

[joaocallil@gmail.com](mailto:joaocallil@gmail.com)

CAPES - Bolsa de Mestrado

Grupo de trabalho 2 - Redes e organizações solidárias

Um dos maiores desafios da economia solidária é a sustentabilidade e sobrevivência financeira das iniciativas econômicas solidárias, principalmente no campo de arte e cultura, na produção e comercialização de conteúdos artísticos e culturais, que, nem sempre fomentados por políticas públicas, carecem de estratégias de recursos administrativos e financeiros monetários e não monetários. Neste contexto, em 2010 surgiu o Coletivo Fuligem (Ribeirão Preto/SP) com o desafio de manter o princípio da autogestão (presente na economia solidária) e sobreviver às exigências monetárias capitalistas por meio da produção e prestação de serviços culturais e de comunicação. Por meio da construção coletiva da Linha do Tempo, o presente artigo propõe analisar o processo administrativo do Coletivo Fuligem de 2010 a 2012, apresentando duas ferramentas estratégicas de finanças solidárias: *Caixa Coletivo* com informações extraídas da movimentação monetária; e *Rede de Trocas Solidárias* com dados referentes às parcerias de serviços e produtos efetuados com trocas não monetárias. Durante os três anos analisados, foi possível constatar algumas transformações no que diz respeito à gestão destas duas ferramentas de finanças, ambas como condições essenciais para a consolidação do Coletivo Fuligem.

**Palavras chaves:** Finanças solidárias; Sustentabilidade financeira; Trocas não-monetárias; Linha de tempo.

## 1 INTRODUÇÃO

Se no sistema financeiro capitalista a valoração é o dinheiro, na economia substantiva de Polanyi o valor está na autorrealização do ser humano por meio da emancipação, da satisfação social e “levando em conta também o direito dos outros indivíduos de fazê-lo” (SERVA, 1997, p.111); dessa forma, a proposta da economia solidária contrapõe o sistema capitalista, que incentiva a competição e disputa pelo poder por meio do acúmulo do dinheiro. Ferreira (2017) cita Laville (1994) discutindo também a economia não monetária como “a lógica da dádiva com relações horizontalizadas e que contribui para a melhoria dos laços sociais” (apud LAVILLE (1994); p. 13). Ou seja, para além da economia capitalista há outras formas de finanças e de distribuição de riquezas, sejam elas monetárias ou não monetárias.

Finanças solidárias são estratégias financeiras de setores ou projetos, responsáveis por operacionalizar o sistema financeiro de empreendimentos econômicos solidários. Segundo Coelho (2003) entre os maiores desafios das experiências de finanças solidárias no Brasil estão a escassez de subsídio para as iniciativas; ausência de recursos para remuneração necessária aos trabalhadores; ações e projetos cuja dimensão de territorialidade é de curto alcance. Entretanto, mesmo diante destas adversidades, o autor acredita ser possível construir um sistema financeiro alternativo que democratize o acesso à bens e serviços. Sendo assim, experiências de finanças solidárias promovem o desenvolvimento de novas economias alternativas, rompendo o pensamento tradicional da sociedade e resgatando valores simbólicos, de relações humanas, encontradas, por exemplo, nas trocas não monetárias.

Compreendendo a arte como ferramenta de emancipação cultural e de quebra de paradigmas sociais - tais como as iniciativas de economia solidária -, iniciativas culturais também enfrentam dificuldades no que diz respeito às finanças e a sua inserção no sistema financeiro capitalista, porque produzem bem imaterial, valores não monetários, mas que, entretanto, dependem de sustentação monetária para sua sobrevivência. Michetti (2017) diz que a arte surge em oposição ao dinheiro exatamente por ser de valor simbólico e intercambiável, reforçando ainda que a atividade artística nunca foi remunerada da mesma maneira que o trabalho por conta desse fator. Entretanto, a flexibilização do trabalho e o agrupamento de redes, possibilitaram que os profissionais das artes pudessem se agrupar em coletivos, grupos com diversas atividades, entre elas a atividade cultural, favorecendo novas iniciativas. Uma destas iniciativas, é a Rede Fora do Eixo, principal impulsionador da existência do Coletivo Fuligem, objeto empírico dessa pesquisa.

A UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, define Indústrias da Cultura (Cultural Industries) como os setores que realizam atividades de criação,

produção e comercialização de conteúdo intangível e de natureza cultural (DE CASTRO et al, 2002). O Fora do Eixo (FdE) é uma experiência que surgiu em 2006 com desenvolvimento e troca de tecnologias sociais<sup>1</sup>, principalmente utilizando como instrumentos de compartilhamento ferramentas digitais, construídas com o avanço da democratização da internet e do aprimoramento da cultura digital:

Fora do Eixo é uma rede colaborativa e descentralizada de trabalho constituída por coletivos de cultura pautados nos princípios da economia solidária, do associativismo e do cooperativismo, da divulgação, da formação e intercâmbio entre redes sociais, do respeito à diversidade, à pluralidade e às identidades culturais, do empoderamento dos sujeitos e alcance da autonomia quanto às formas de gestão e participação em processos sócio-culturais, do estímulo à autoridade, à criatividade, à inovação e à renovação, da democratização quanto ao desenvolvimento, uso e compartilhamento de tecnologias livres aplicadas às expressões culturais e da sustentabilidade pautada no uso e desenvolvimento de tecnologias sociais (Carta de princípios da Rede Fora do Eixo)

O Coletivo Fuligem surgiu a partir da articulação do FdE, se tornando um ponto de articulação da rede, sendo responsável por aproximar novos agentes interessados em participar da organização, bem como desenvolver medidas estruturantes capazes de gerar e estabelecer a comunicação entre os coletivos integrantes do FdE. Portanto, a estrutura de organização do Coletivo Fuligem é semelhante aos da rede FdE, embora fossem adequadas às necessidades do grupo: “cada coletivo tem total autonomia para desenvolvimento de projetos locais, com a chancela do Fora do Eixo” (BARCELLOS et al, 2014, 689).

Dentro deste contexto, questiona-se: *Em que medida e de que forma, estratégias de finanças solidárias podem fortalecer o processo autogestionário e de planejamento estratégico de grupos culturais que almejam atuar dentro dos princípios da economia solidária?* Com o objetivo de responder a questão de pesquisa, foi escolhido o procedimento metodológico explicativo, de forma a delinear suas hipóteses e objetivos, buscando evidências especificamente atreladas à essa questão (CARVALHO, 2017). Para coleta de dados e resgate histórico do grupo, optou-se por buscar informações no e-mail do coletivo, sites e outros canais virtuais (*youtube, instagram, twitter*), como também por entrevistas e reuniões presenciais, resultando assim em tabelas e gráficos que ilustram as informações obtidas.

Sendo assim, este artigo está estruturado em quatro partes: a primeira dedicada à introdução da temática desta pesquisa como também sua pergunta principal. A segunda parte expõe algumas estratégias de finanças solidárias no setor cultural, utilizando-se de outras pesquisas que se desenvolveram acerca da mesma problemática. Na terceira parte é apresentado pontos de intersecção

---

<sup>1</sup> Segundo Dagnino (2009) a definição mais frequente no Brasil, que é onde o conceito foi gerado, entende a Tecnologia Social (TS) como produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social.

da economia solidária com o setor cultural, apresentando a rede Fora do Eixo. Na quarta parte deste artigo, é detalhado o percurso metodológico, suas estratégias gerais de pesquisa exploratória e de coleta de dados; e por fim, na quinta parte, é exposto os resultados preliminares desta pesquisa, apresentando a Linha de Tempo com dados relativos aos três primeiros anos de atuação do Coletivo Fuligem, a partir de duas ferramentas de finanças solidárias: a) Caixa Coletivo e b) Rede de Trocas (Municipal e Intermunicipal), resultando assim na construção de tabelas e gráficos. Espera-se que o presente trabalho possa contribuir para o surgimento e aprimoramento de outras organizações e coletivos culturais que queiram trabalhar em uma mesma lógica solidária, construindo e aplicando tecnologias sociais em outras situações ou grupos de atuação, levando-se em consideração as variáveis de cada grupo, seus integrantes e objetivos.

## **2 FINANÇAS SOLIDÁRIAS COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO NO SETOR CULTURAL**

Segundo Coelho (2003), finanças solidárias são estratégias de democratização do sistema financeiro:

(...) “constituindo-se num elo de integração e sustentação de uma relação mais duradoura entre economia e sociedade, construída sob a égide da ética e da solidariedade e criando condições para um desenvolvimento humano que necessariamente terá de ser integrado e sustentável” (p. 2)

Dessa forma, enquanto na economia capitalista o sistema financeiro está nas mãos de quem mantém o acúmulo monetário, na economia solidária, as finanças buscam a partir de novos arranjos promover o desenvolvimento de seus territórios de forma justa e emancipatória levando em conta outros valores intangíveis e não monetários. Em uma perspectiva econômica de finanças podemos compreendê-la como circulação de moeda, concessão de crédito, de investimentos e a provisão de serviços bancários. Ainda segundo o autor, as finanças solidárias se diferem de microfinanças (que são uma pequena escala de créditos concedidos à projeto de população de baixa renda), porque resultam na mudança de relações de poder entre produtores, intermediários e consumidores (COELHO, 2003).

As finanças solidárias assumem um desafio que é o de operacionalizar um sistema financeiro. Segundo o Caderno de Finanças Solidárias (2015), o processo de implementação das finanças solidárias no Brasil envolveram os seguintes formatos:

a) Fundos Solidários: destinados aos investimentos sociais, projetos específicos, empréstimos e capital de giro;

b) Crédito Solidário: destinado aos empréstimos para iniciativas de desenvolvimento local, como estratégia de política pública rural;

c) Clube de Trocas: podendo de ser de produtos ou serviços, na qual “a moeda social é utilizada num espaço e tempo definidos” (p. 21)

d) Bancos Comunitários: que são iniciativas que priorizam o desenvolvimento local, de forma a incentivar a consumo dentro da própria comunidade com circulação de moeda social e valorização do trabalho local.

Dentro deste contexto, o presente artigo aborda suas ferramentas de finanças solidárias do Coletivo Fuligem: 1) **Caixa Coletivo**: ferramenta de gestão monetária do grupo que prioriza a divisão igualitária dos recursos monetários (transformadas durante sua trajetória) e 2) **Rede de Trocas**: que são as trocas solidárias não-monetárias realizadas entre grupos e coletivos do estado de São Paulo, que serão detalhadas no tópico a seguir. Considerando a sistematização de experiências como metodologia utilizada, esta pesquisa tem por objetivo sistematizar a trajetória do Coletivo Fuligem em seus aspectos de finanças, discutindo assim as estratégias administrativas utilizadas pelo grupo, de forma a analisar as movimentações financeiras monetárias e não monetárias em seus três primeiros anos de atuação.

### 3 ECONOMIA SOLIDÁRIA E SUAS INTERSECÇÕES COM O SETOR CULTURAL

Como expõe a Carta de Serviços ao Cidadão do MinC, o ministério tem por objetivos: “promover o desenvolvimento cultural e artístico, garantir os direitos culturais e fortalecer a economia da cultura”, inserindo-a na dinâmica do desenvolvimento do país (p. 11). Segundo Botelho (2011), a dimensão *cidadã* da cultura, tem por objetivo:

(...) A superação da exclusão social, eliminação das desigualdades e discriminações, a partir do reforço da autoestima e da apropriação do sentimento de pertencimento junto a comunidades. Aspectos relacionados à produção, ao consumo, à distribuição e ao emprego do setor cultural compuseram os discursos do MinC a respeito da dimensão econômica da cultura. (p 2)

Frederico Augusto Barbosa da Silva, pesquisador pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e professor de políticas públicas e Pensamento Social Brasileiro no Programa de Mestrado e Doutorado do Centro Universitário de Brasília (UNICEUB), também levanta a temática da cultura numa perspectiva econômica, retratando que “as profissões culturais são em sua maioria informais, ou seja, os trabalhadores da cultura executam suas atividades sem carteira assinada, por conta própria” (DA SILVA, F. 2012, p. 26). O desenvolvimento sustentável da cultura envolve uma série de “forças dinâmicas de combate à exclusão e às desigualdades” (Ibidem, p.1) e, neste aspecto, é possível dizer que há intersecções entre a *economia da cultura* (representada por uma série de mecanismos de financiamento público, privado e alternativo) e os objetivos da *economia solidária*.

O movimento associativista operário do século XIX surgiu para contrapor a organização da sociedade em classes econômicas, nas quais o sistema de trabalho sempre foi opressor. Segundo Singer (2003), “as condições de trabalho eram tão ruins e desesperadoras que a única opção era rebelar-se” (p. 121). O objetivo da organização associativista é estruturar a comunidade por meio do trabalho produtivo que promove “(...) política equitativa de distribuição de rendimentos; a organização diferenciada do processo de trabalho; e a gestão coletiva e democrática ou autogestionária do empreendimento” (DAL RI, 2017, p. xii). São estes princípios que orientam os valores da economia solidária: distribuição mais igualitária dos rendimentos e recursos, e horizontalidade na constituição de seus membros, ou seja, a inexistência de padrões e de níveis hierárquicos de distribuição. Deste trabalho associado surge a economia solidária como alternativa para suprir “os aspectos mais acentuados da exploração e da subordinação capitalistas do trabalho” (SINGER, 1998 apud LECHAT, 2002, p. 12).

Na economia solidária o ser humano é posicionado como principal elemento do entorno, e não mais o lucro, a produtividade ou o capital; é a economia onde todos os partícipes são protagonistas do processo produtivo e de gestão do empreendimento. Carvalho (2017) afirma que “outras formas econômicas subsistem e surgem, sob maior ou menor grau de influência daquela [*capitalista*], pela iniciativa de indivíduos ou grupos sociais da sociedade civil” (p. 48). Já Da Silva, F. (2012), diz a arte e a cultura são inseparáveis, tais como a cultura e o desenvolvimento humano que, segundo o autor, é medido pelo aumento da qualidade de vida, do acesso à educação de qualidade, às oportunidades de trabalho, conquistando assim o aumento da liberdade para escolher viver e fruir de bens e serviços necessários. Silva Junior (2018) defende que a economia solidária é plural porque se dá pela articulação inédita entre economia *mercantil* (pela venda de produtos ou prestação de serviços), *não-mercantil* (por meio de subsídios ou acordos e contratos junto às instituições públicas governamentais ou não-governamentais) e *não monetária* (através de contribuições voluntárias, de dádivas, principalmente sob a forma de doação de si mesmo, de sua mão de obra, do seu tempo).

O valor intangível da arte e cultura (como fatores que emancipam e transformam a sociedade), aliados aos objetivos da economia solidária (como alternativa a dinâmica excludente do sistema capitalista hegemônico), são potenciais favoráveis na estruturação de empreendimentos culturais que possam se fortalecer por meio de novas formas de economia e da construção de redes culturais, como o caso do Fora do Eixo.

### **3.1 Empreendimentos de cultura no Brasil e a Rede Fora do Eixo**

Inicialmente o Fora do Eixo surgiu sem grandes pretensões de expansão, integrando apenas quatro cidades, sendo elas Cuiabá (MT), Belo Horizonte (MG), Londrina (PR) e Rio Branco (AC),

em seis anos expandiu para mais de 120 coletivos, em 2012. Já em “agosto de 2013, esse número passou para 18 casas coletivas (oriundas de coletivos), 91 coletivos e cerca de 650 coletivos parceiros. Essa estrutura, de acordo com estimativa da própria entidade, envolve 600 pessoas diretamente ligadas ao Fora do Eixo” (SAVAZONI, 2013; p.19 - 20). Suas atividades foram totalmente focadas na produção musical - divulgação de bandas, gestão de espaços culturais e produção de festivais de música, sem teorizar de forma substancial a prática, mas avançando incisivamente nas ações, no projeto e na expansão da rede. A partir de 2011 iniciou seu envolvimento com pautas de políticas públicas, participando de congresso, conselhos e atuando junto com movimentos sociais, vislumbrando a criação de um novo mundo que tivesse como base a troca de conhecimento, formas alternativas de finanças, incentivo às criações autorais, avanços na estrutura política do Brasil e, principalmente, utilizando a cultura como um agente intermediário (BARCELLOS, 2014).

Para Eduardo Vicente Soares, que elaborou sua dissertação de mestrado em torno da atuação do Coletivo Fuligem, é fundamental - dentro de uma sociedade democrática-, que seja respeitado e desenvolvido o potencial e o valor de cada região (SOARES, 2015). A condução para um nivelamento dos coletivos do Fora do Eixo deu-se em diversas escalas. Um exemplo é o acompanhamento de informações, decisões e demandas geradas pela utilização da internet: nem todos os coletivos estavam em territórios com acesso wi-fi, ou equipados com computadores, e por si só, essa adversidade já posicionava o coletivo em outro lugar, no qual fosse considerado um coletivo parceiro. Na Figura 1 é apresentando o modo de organização do FdE, com as respectivas instâncias de participação e suas categorias:

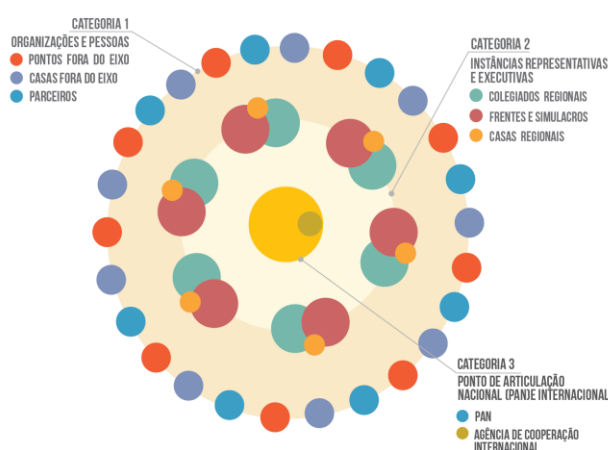


Figura 1 - Modo de organização da Rede Fora do Eixo.

As instâncias deliberativas ocorriam mais frequentemente com os membros que integravam a Categoria 3, e que possuíam maior “lastro” – um termo empregado para dizer que os membros que mais se entregam à rede naturalmente têm mais respaldo do que aqueles que acabaram de chegar ou que participam menos. Em suas próprias palavras: “Ter o lastro representa possuir peso, base e

fundamento, pautados sobretudo nas práticas cotidianas e na construção de processo” (DA FONSECA, 2015, p. 100). Na Categoria 2, nem todas as frentes ou simulacros tinham participações nos processos de decisões sobre o Fora do Eixo em instâncias federais, mas tinham autonomia de atuação como pontos de articulação, sobretudo, por participarem e representarem o FdE em seus territórios. A Categoria 1 é possível compreender uma ordem crescente na participação do processo de decisão entre: **PARCEIROS ⇒ COLETIVOS FORA DO EIXO ⇒ CASAS FORA DO EIXO**. Sendo as *casas fora do eixo* posicionadas para deliberar com maior poder de liderança, decisão e governabilidade. Entretanto, nivelar todos os coletivos do FdE é uma estratégia arriscada. Adriana Silva, João Luiz Passador e Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa, diz que:

Nivelamento, por sua vez, quando não acompanhado de uma formação transitiva como por alto ou por baixo, pode significar um ou outro. A palavra nivelar, ao propor uma igualdade pode, em alguns casos, podar criatividade e ousadias. Por outro lado, pode sugerir que todos se ergam ao nível do mais elevado”(SILVA; PASSADOR; ROSA, 2015, p. 24).

Segundo Carvalho (2017), “a gestão em economia solidária é tão mais efetiva quanto maior o grau de participação, solidariedade, reciprocidade, interação, comunicação e cooperação entre as pessoas envolvidas na tomada de decisão” (p.82). Portanto, autogestão é a prática social e política que democratiza o exercício do poder e tomada de decisão, o que é essencial à lógica da economia solidária. Desse modo, refletindo os objetivos emancipatórios dessa nova economia, em sua oposição estaria a heterogestão e o trabalho alienado, no qual o FdE também não se enquadra. Autogestão, por conseguinte, não é um termo utilizado apenas no controle operário e econômico, mas também social, como metodologia de organização do trabalho e dos meios de produção pelos próprios trabalhadores. Isso possibilita uma forma radical de reorganização social, econômica, política e cultural, pois os centros de decisão, gestão e controle estão nas mãos de produtores-cidadãos organizados democraticamente. Sanches (2017), diz que “é a partir do encontro da autogestão com a economia comunal, a economia solidária vem se expandindo no continente” (p. 90). Soares (2015) também concorda quanto aos subsídios para a realização dos eventos do Fora do Eixo, serem obtidos a partir do sistema de economia solidária, por meio de moedas próprias, assemelhando-se a uma cooperativa. Mazzer (2016) aborda a gestão dos coletivos explicando conceitualmente as esferas de organograma da Rede FdE, sendo *Núcleo Duro* a classificação para indicar um pertencimento pleno de um coletivo à Rede ou de um integrante à *gestão colaborativa* do coletivo do qual faz parte. Assim, faz parte do *Núcleo Duro* aqueles que assumem as deliberações desta proposta de gestão colaborativa, tais como a casa coletiva, o caixa coletivo e o card (moeda social do FdE).

A definição de autogestão, embora não seja complexa demais para entender no papel, parece apresentar contradições entre o que se propõe de sistema democrático e horizontal e de fato o que acontece nos grupos que se arriscam vivenciar a economia solidária. Savazoni (2013) aponta em sua



dissertação, que há coexistência tanto de horizontalidade, quanto de verticalidade nas relações entre os integrantes do FdE, porque ainda que proponha ser “colaborativa e descentralizada”, a rede é estruturada em um conjunto de regras e pactos que conformam o autor denomina de verticalidade instrumental (p. 23). Ou seja, a dinâmica entre os integrantes do FdE apresenta fluidez e horizontalidade, entretanto, por vezes é confrontada por um modelo piramidal, o qual serve de instrumento de governança da rede.

Com um volume intenso de publicações que estudam o FdE por diversos prismas como modo de organização, fenômeno político, econômico e social, como rede de produção cultural independente, como mídia ativismo entre outras temáticas, é impossível não reconhecer a importância da rede Fora do Eixo como um dos principais impulsores dessa forma de organização do setor cultural independente. Entretanto, há muitas críticas focadas na parte de financiamento do FdE, nos ruídos de trocas solidárias não balanceadas, da movimentação de moeda social sem o controle de lastro, entre outras críticas. Por tal, o próximo tópico tem por objetivo subsidiar o debate acerca do financiamento cultural por meio de estratégias de finanças solidárias.

#### **4 PERCURSO METODOLÓGICO**

Esta pesquisa é descritiva, pois tem por objetivo sistematizar e descrever o processo econômico monetário e não monetário do Coletivo Fuligem, por meio da construção da Linha de Tempo do grupo no período de 2010 a 2012, destacando especificamente seus aspectos financeiros, de forma a identificar suas transformações no que diz respeito às tecnologias de finanças solidárias utilizadas pelo grupo, resultando na elaboração de tabelas e gráficos, organizados a partir da coleta de dados presentes no e-mail institucional, no site do grupo, como também em entrevistas, depoimentos e em reuniões presenciais.

O primeiro passo deste trabalho foi identificar a fragilidade administrativa e financeira na gestão de grupos culturais e de empreendimentos econômicos solidários. As intersecções entre a economia solidária e a cultura, possibilitaram a aproximação da temática ao objeto empírico, sendo o Coletivo Fuligem um grupo autogestionário (princípio da economia solidária), que promove ações e projetos nas áreas artísticas culturais e de comunicação. O segundo passo desta pesquisa foi sua etapa exploratória, possibilitando sua fundamentação conceitual e teórica. O terceiro passo foi dedicado a coleta de dados e a apresentação do objeto empírico, possibilitando a análise e discussão dos resultados destes três anos.

A metodologia de sistematização de experiências surge primeiramente associado à Educação Popular, na década de 50, caracterizada pelo “atendimento à população empobrecida”, de forma a

“recuperar, ordenar, precisar e classificar” as ações profissionais para mudar as práticas e saberes dos pobres (FERREIRA, 2017, p. 46). Ou seja, apresenta a função de recuperar práticas de forma a refletir sobre as mesmas, como fonte de conhecimento para transformação da realidade. Segundo Eckert (2009) a sistematização não pode ser apenas um relato qualquer, mas sim uma reflexão crítica de uma experiência concreta, como forma de gerar novos aprendizados. Sendo assim, o objetivo de sistematizar uma experiência está em gerar novos aprendizados a partir da ação, da atuação de grupos. Existem diversas metodologias de sistematização de experiência, sendo a escolhida para esta pesquisa a Linha de Tempo, que segundo o Seminário Nacional sobre Sistematização – 2º Módulo<sup>2</sup>, realizado pelo Centro de Formação em Economia Solidária, Domingos Corcione, consultor para este seminário, afirma:

Diversas ferramentas podem contribuir no processo de sistematização, potencializando a construção coletiva. Sugere-se que tais ferramentas sejam usadas de acordo com o objetivo específico de cada momento, lançando mão – oportunamente – de uma boa dose de criatividade. Estas mesmas ferramentas podem ser usadas para outras finalidades - diagnósticos, pesquisas, planejamentos, monitoramentos, avaliações (p. 4)

A Linha de Tempo tem por objetivo construir a trajetória das experiências, dos contextos e conjunturas em determinado período, sendo assim, foi delimitado o período de 2010 a 2012 para análise da trajetória do Coletivo Fuligem de Comunicação e Arte<sup>3</sup>, extraindo as principais informações que se relacionam com a questão de pesquisa, contrapondo ou afirmando suas hipóteses, por meio da coleta de dados especificamente de duas ferramentas de tecnologia social:

- 1) **Caixa Coletivo:** que é a ferramenta de sistematização de recursos monetários do grupo, na qual toda a captação monetária individual ou coletiva, é depositada em um mesmo caixa e retirada conforme a necessidade de seus integrantes. Essa ferramenta foi sendo moldada de diferentes formas durante a trajetória do grupo.
- 2) **Rede de Trocas Solidárias:** que são as trocas solidárias não monetárias realizadas entre duas esferas: a) Coletivo Fuligem e parceiros de Ribeirão Preto e b) Coletivo Fuligem e a redes intermunicipais.

Dessa forma, a presente pesquisa almeja encontrar informações relacionadas às movimentações monetárias e não monetárias do grupo de forma a analisar suas transformações, seus

---

<sup>2</sup> Consolidação das conclusões do Seminário Nacional sobre Sistematização – 2º Módulo, realizado pelo Centro de Formação em Economia Solidária, de 25 a 29 de abril de 2011, em Brasília. Texto produzido com a contribuição de Domingos Corcione, consultor para este seminário. Disponível em: <http://cirandas.net/rede-cfes/biblioteca-do-cfes/sistematizacao> . Acesso: 30 de Julho de 2018.

<sup>3</sup>Este artigo apresenta resultados da primeira etapa de sistematização da minha Dissertação de Mestrado. A proposta total do período a ser pesquisado é de 2010 a 2017.

potenciais e fragilidades durante a trajetória de sete anos. Para tal, foi realizada a pesquisa nas seguintes fontes em ordem de pesquisa: E-mail do grupo: foi acessado o email [coletivofuligem@gmail.com](mailto:coletivofuligem@gmail.com) , filtrando a análise por anos, desde a criação do email até o último datado em 2017; Site do grupo: foi acessado o site do grupo [coletivofuligem.com.br](http://coletivofuligem.com.br), filtrando a análise por anos, desde a criação do email até o último datado em 2017; Página no facebook: foi acessado a página no facebook, recuperando as postagens, registros de fotos e vídeos; Google drive: foi acessado as atas permanentes que constam nos arquivos de armazenamento do Google Drive pelo e-mail do grupo; Entrevistas virtuais: foram realizadas consultas virtuais aos integrantes, como forma de obter informações ausentes nos meios já pesquisados; Reuniões presenciais: foram realizadas reuniões presenciais com todo o grupo.

Nesta etapa foram sistematizados:

- a) Dados gerais do grupo: nome e número de integrantes que compunham o núcleo durável, como também seus colaboradores, o local de sede do grupo, como também a quantidade de eventos que o grupo participou ou produziu
- b) Detalhamento das ações: com descrição do nome do evento, mês de realização, local, artistas envolvidos na programação, link do Compacto.tec<sup>4</sup> (caso tenha sido elaborado), dados da movimentação monetária com entradas e saídas de dinheiro e dados da movimentação não monetária, com as trocas e circulação de moeda social.
- c) Caixa Coletivo: descrição dos serviços prestados ou fonte de recursos; a frente responsável pela de captação deste recurso; os valores monetários e não monetários captados nas prestações de serviço, como também os recursos materiais individuais e coletivos disponibilizados.
- d) Rede de Trocas Solidárias: descrição das trocas solidárias em serviços prestados e/ ou aluguel de produtos; nome dos grupos que estabeleceram trocas não monetárias, sua cidade e sua área de atuação (banda, grupo de teatro, coletivos do Fora do Eixo, entre outros), e o mês e o ano que ocorreram as primeiras trocas solidárias; link para o Extrato Card<sup>5</sup> e a valoração em moeda social a partir das trocas estabelecidas entre o coletivo e outros grupos.

---

<sup>4</sup> Planilha de sistematização dos eventos, com dados gerais de quantidade de público, nome e contato de pessoas envolvidas na organização, balanço financeiro monetário e não monetário.

<sup>5</sup> Planilha de sistematização de trocas solidárias, com a descrição dos serviços e produtos trocados, como também valores e saldos entre o coletivo e os grupos.

A partir da análise destes aspectos foi possível compreender de uma forma mais ampliada a trajetória do grupo e suas constantes transformações no que diz respeito às estratégias de finanças solidárias que serão apresentados no próximo item, destinado aos resultados deste artigo.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO INICIAL**

Retomar a história do Fuligem é um movimento complexo exatamente por ser mutável e por tal, rico em detalhes. O surgimento do FdE foi concentrado na área musical em um primeiro momento, entretanto, ao expandir a construção em rede, as possibilidades de atuação dos coletivos também se diversificaram. Sendo assim, os coletivos surgiam implementando as áreas de atuação que tivessem interesse ou habilidade. O Coletivo Fuligem atua, desde seu surgimento, nas áreas de comunicação e arte, desenvolvendo projetos anuais ou pontuais que abrangem estas duas áreas específicas. Outras áreas propostas pelo FdE nunca conseguiram ter projetos de continuidade no grupo, como por exemplo, o Nós Ambiente, frente responsável por elaborar projetos de sustentabilidade ambiental, ou também o Gurizada, frente destinada aos projetos focados no desenvolvimento infantil. Essa característica demarca um primeiro ponto que foi característico do Fuligem e divergente ao FdE: a quantidade de atividades, frentes de atuação, projetos desenvolvidos. O grupo optou por focar em duas áreas principais de atuação: a comunicação e a arte.

Mesmo com o desenvolvimento de diversas atividades profissionais nestas duas áreas, o Coletivo Fuligem apresentou constantemente a dificuldade no que diz respeito ao alcance dos objetivos traçados em relação à questão monetária e não monetária do grupo e, a partir dessa constatação é que surgiu a presente pesquisa de mestrado com o objetivo de analisar a trajetória do grupo em seus aspectos financeiros e econômicos, por meio da construção da Linha de Tempo.

### **5.1 Coleta Dados**

Conforme descrito no item anterior a coleta de dados foi realizada no email, site e redes sociais do Coletivo Fuligem, como também por entrevistas e reuniões presenciais, registradas por áudio. A coleta de dados foi planejada anteriormente, de forma a extrair informações direcionadas ao problema de pesquisa, possibilitando a busca de informações gerais do grupo, como número de integrantes, quantidade de eventos realizados, como também de dados relativos à movimentação monetária e não monetária do grupo. As tabelas e gráficos abaixo são resultados das informações obtidas no processo metodológico de coleta de dados. A tabela 1 apresenta os dados gerais respectivos ao Coletivo Fuligem:

		2010		2011		2012	
Dados gerais	Local de sede	Indefinida		Espaço A coisa		Casa Coletiva	
	Integrantes	Núcleo Durável	Colab.	Núcleo Durável	Colab.	Núcleo Durável	Colab.
		4	10	5	12	11	33
	Eventos	Realizados	Participantes	Realizados	Participantes	Realizados	Participantes
		9	2	49	5	18	9

Tabela 1- Dados gerais. Elaborado pelos autores.

Pela análise dos dados gerais obtidos, é possível perceber que houve rotatividade da sede do grupo: em um primeiro momento eles se reuniam em praças públicas, posteriormente estabeleceram parceria com o Espaço a Coisa, participando da gestão do espaço e a partir dos anos 2012, é que o grupo se estabelece em uma Casa Coletiva, transformando o espaço de trabalho também em residência de parte dos integrantes. Outro ponto a ser destacado nos dados gerais é o aumento de integrantes do Núcleo Durável (ou Duro) e dos colaboradores, apresentando o último ano como maior participação, totalizando 11 pessoas como Núcleo Duro e 33 colaboradores. Em relação aos eventos organizados, no ano de 2011 foram realizados 49 eventos e reduzindo este número para 18 eventos. Para melhor análise dos dados, abaixo, no Gráfico 1 é ilustrado os dados quantitativos dos integrantes e dos eventos:

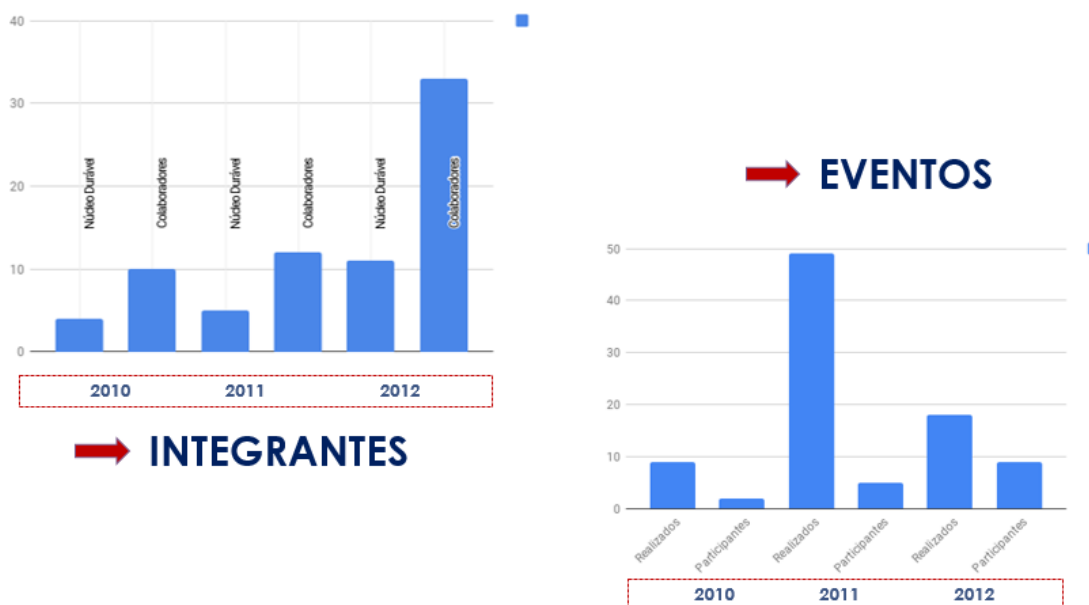


Gráfico 1- Ilustração dos Dados Gerais

Na Tabela 2 foi sistematizado dados relativos a movimentação monetária do grupo, ou seja, da

descrição do sistema de Caixa Coletivo:

		2010		2011				2012						
		Entradas	Saídas	Entradas			Saídas	Entradas			Saídas			
Recursos Monetários	Prestação de serviço	Eventos	-	Eventos	Mídia	Agência	Eventos	Eventos	Mídia	Agência	Eventos	Custos Sede	Impostos	Equip.
		240,00	0,00	9 298,00	6 130,00	6 239,00	42 796,00	20 345,00	50 417,00	11 561,00	17 562,00	29 577,00	7 647,00	3 745,00
	Financiamento público	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	Doações	352,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	Empréstimos	50,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	21 129,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Recursos materiais	2 cameras, 2 carros e 2 notebook		Ainda não sistematizado				Ainda não sistematizado							

Tabela 2- Caixa Coletivo

Nesta tabela são sistematizados dados relativos as entradas e saídas monetárias, identificando as frentes de projetos como por exemplo os eventos, a mídia e os agenciamentos de grupos, de forma a caracterizar as fontes de recursos e dos custos monetários. No Gráfico 2 são ilustrados os dados obtidos nesta etapa:

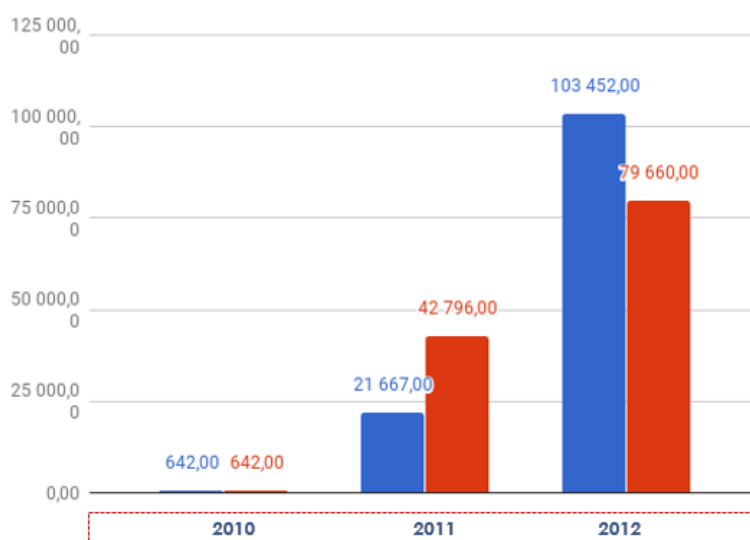


Gráfico 2- Ilustração da Movimentação monetária

O aumento na captação de recursos é um ponto de destaque, entretanto, destaca-se também o aumento proporcional de custos. Em 2011 o Coletivo Fuligem realizou o I Festival Fagulha, apresentando uma dívida de mais de 20 mil reais. Em um ano, o caixa do grupo apresenta saldo positivo e uma das hipóteses diz respeito ao número de integrantes que passaram a colaborar com o grupo.

A sistematização não monetária do grupo, segue duas etapas: a primeira diz respeito a contabilidade das Trocas Solidárias. No Fora do Eixo, o *Card* é a moeda social da rede, que é contabilizada a partir de 1 para 1, ou seja, 1 real é compatível à 1 card. No Coletivo Fuligem, como em outros coletivos, a moeda social foi denominada por um nome batizado pelos próprios integrantes: Fagulha. Sendo assim, na Tabela 3, é apresentado os dados relativos a sistematização dos Extrato Card, que estruturam as trocas não monetárias organizadas pelo coletivo:

		2010				2011				2012			
Recursos Não Monetários	Segmento do grupo	Ribeirão Preto	Regional de SP	Brasil	Intern.	Ribeirão Preto	Regional de SP	Brasil	Intern.	Ribeirão Preto	Regional de SP	Brasil	Intern.
	Coletivo Cultural		4	1			4	1			4	1	
	Bandas	7	2			7	2			7	2		
	Movimento Social	3				3				3			
	Espaço Cultural	5				5				5			
	Grupo de Cênicas	3				3				3			
	Fagulhas	Entradas		Saídas		Entradas		Saídas		Entradas		Saídas	
	500,00		0		4 681,00		4 505,00		20 275,00		22 150,00		

Tabela 3- Sistematização de Extrato Card

Conforme é possível notar, no primeiro ano de atuação do Coletivo Fuligem, a sistematização quantificada das trocas não eram realizadas com constância. Essa análise se dá pela quantidade de grupos que o Coletivo Fuligem realizou trocas, e os valores contabilizados. Outra hipótese diz respeito ao avanço na sistematização conjuntamente aos anos de análise. No Gráfico 3, é ilustrado os valores em Fagulhas que circularam durante os anos analisados:

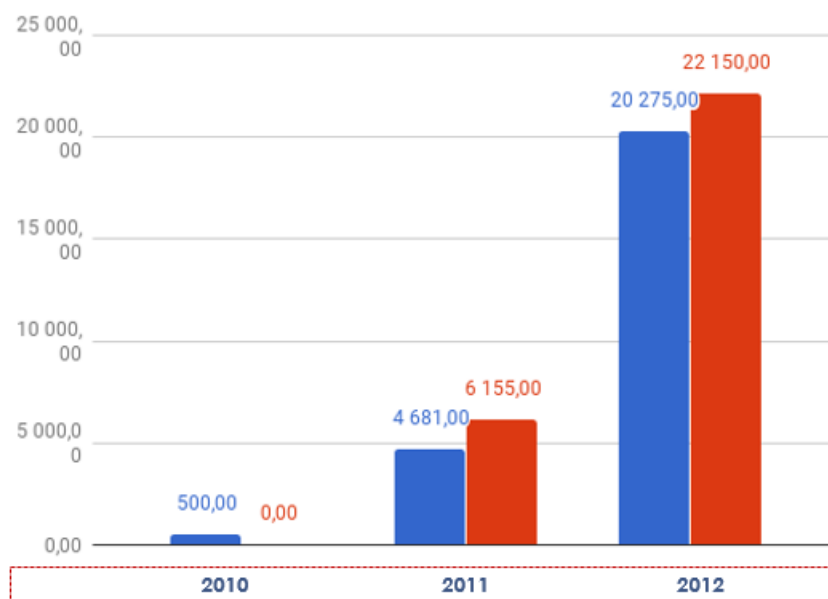


Gráfico 3- Ilustração da Movimentação não monetária

Neste gráfico é possível identificar que as saídas e entradas de Fagulhas eram equilibradas, demonstrando uma preocupação em relação ao não controle do lastro da moeda social, um ponto que a rede Fora do Eixo foi criticada principalmente em 2013.

A partir da análise dados é possível identificar que o Coletivo Fuligem teve um expressivo crescimento durante os três anos analisados. Aumento na quantidade de integrantes, na captação de recursos monetários e não monetários, na articulação da Rede de trocas são dados que contribuem para a perspectiva de aprimoramento do grupo, inclusive no que diz respeito a sistematização financeira, possibilitando que outros serviços e trocas de produtos pudessem ser quantificados, mesmo sem a utilização do dinheiro.

Para uma contribuição mais ampla a produção de conhecimento, é necessária a continuidade da sistematização dos anos (prevista em pesquisa de mestrado), possibilitando assim a análise mais contínua das atividades do grupo, como também da estruturação do Caixa Coletivo e da consolidação da Rede de Trocas Solidárias.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a orientação da professora Dr. Maria Zanin e a co-orientação do professor aposentado Dr. Ioshiaqui Shimbo como também ao Grupo de Pesquisa em Economia Solidária por terem paciência para o acompanhamento e desenvolvimento de minhas limitações quanto pesquisadora. Aos grupos culturais e de movimentos sociais que tive a oportunidade de integrar durante estes anos, acumulando muito aprendizado de campo para esta pesquisa. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudo, porque sem o incentivo financeiro não conseguiria dar andamento nesta pesquisa.



## Referências Bibliográficas

BARBALHO, Alexandre. **POLÍTICA CULTURAL EM TEMPO DE CRISE : o Ministério da Cultura no Governo Temer.** Revista de Políticas Públicas, Fortaleza, 2018.

BARCELLOS, Rebeca de Moraes Ribeiro de. **POR OUTRO EIXO, OUTRO ORGANIZAR: A organização da resistência do Circuito Fora do Eixo no contexto cultural brasileiro.** Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

BARCELLOS, Rebeca de M.R; DELLAGNELO, Eloise H; SALLES, Helena Kuerte. **Práticas organizacionais e o estabelecimento de lógicas de equivalência: o Circuito Fora do Eixo à luz da Teoria Política do Discurso.** 684 R.Adm., São Paulo, v.49, n.4, p.684-697, 2014.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas.** São Paulo em perspectiva, São Paulo, vol. 15, nº 2, p. 73-83, 2011.

**Cadernos de Finanças Solidárias.** Núcleo de Economia Solidária - NESOL USP, São Paulo, 2015.

**Cadernos de formação em Economia Solidária - Sistematização de experiências da Economia Solidária,** Brasília, 2012. Disponível em: [http://caritas.org.br/wp-content/files\\_mf/1383063926CadernodeForma%C3%A7%C3%A3oBrasilLocal11.pdf](http://caritas.org.br/wp-content/files_mf/1383063926CadernodeForma%C3%A7%C3%A3oBrasilLocal11.pdf) Acesso: 30 de Julho de 2018.

CARVALHO, Hilano José Rocha de. **Estratégias participativas na promoção do desenvolvimento territorial solidário e contra- hegemônico e os intelectuais orgânicos: estudo do banco Palmas.** Tese (Doutor em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2017.

CARVALHO, Hilano; SHIMBO, Ioshiaqui; ZANIN, Maria. **Gestão Estratégica em Economia Solidária.** A economia solidária e os desafios globais do trabalho. São Carlos, EDUFSCAR, 2017.

COELHO, Franklin Dias. **A HISTÓRIA DAS FINANÇAS SOLIDÁRIAS.** ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

**Consolidação das conclusões do Seminário Nacional sobre Sistematização – 2º Módulo,** realizado pelo Centro de Formação em Economia Solidária, de 25 a 29 de abril de 2011, em Brasília. Texto produzido com a contribuição de Domingos Corcione, consultor para este seminário. Disponível em: <http://cirandas.net/rede-cfes/biblioteca-do-cfes/sistematizacao> . Acesso: 30 de Julho de 2018

DA FONSECA, André Azevedo. **O valor do “egocard”: afetividade e violência simbólica na rede Fora do Eixo.** Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, 2015, 22.1: 94-119.

DAL RI, Neusa Maria. **Trabalho associado, economia solidária e mudança social na América Latina.** Associação das Universidades Grupo Montevideu. In: III. Seminário Acadêmico Internacional do Comitê PROCOAS. Marília, 2007. Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/trabalho%20associado\\_e-book.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/trabalho%20associado_e-book.pdf)> Acesso em 10 de Abril de 2018.

DA SILVA, Frederico Augusto Barbosa. **Desenvolvimento e cultura – linhas gerais para um mapeamento conceitual e empírico.** Latitude, vol. 6, nº 2, pp.06-21, 2012

DE CASTRO, Antônio Maria G.; LIMA, Suzana Maria Valle; CRISTO, Carlos Manuel Pedroso Neves. **Cadeia produtiva: marco conceitual para apoiar a prospecção tecnológica**, 2002.

DEMO, P. **Solidariedade como efeito de poder**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002. (coleção prospectiva; v. 6)..

ECKERT, Cordula. **Orientações para elaboração de sistematização de experiências**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2009. 46 p

FERREIRA, Danilo Malta. Articulação de ensino, pesquisa e extensão: economia solidária e desenvolvimento territorial: a experiência INCOOP/NuMI-Ecosol. Tese (Doutor em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. No prelo. 2017

FONSECA, Andre Azevedo da Fonseca. Fora do eixo: raízes do ressentimento. Disponível em: <https://medium.com/@azevedofonseca/fora-do-eixo-raizes-do-ressentimento-ce094cd0853f>. Acesso dia 02 de Agosto de 2018.

**Glossário Fora do Eixês**. Disponível em: <http://foradoeixo.org.br/glossario-fora-do-eixes/> Acesso em 01 de Agosto de 2018

HOLLIDAY, Oscar Jara et al. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Editora da UFPB, 1996.0

LECHAT, Noëlle Marie Paule. **Economia Solidária - Volume 1**. In: II Seminário de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, Campinas, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/incubadoraecosol/docs/ecosolv1.pdf>> Acesso em 10 de Abril de 2018.

MANCE, Euclides André. **A revolução das redes de colaboração solidaria**. Artigo, 2005.

MAZZER, Fernando. L. **Economia do desejo e desejo de economia: retroalimentação e troca em coletivos da Rede Fora do Eixo no interior de São Paulo**. In: III Seminário de Antropologia da UFSCar, 2014, São Carlos. ANAIS DO III SEMINÁRIO DE ANTROPOLOGIA DA UFSCAR, 2014

MICHETTI, Miqueli. **Coletivos e Redes Culturais no Brasil Contemporâneo: notas sobre as relações entre cultura, economia e política na conjuntura neoliberal**. Dossiê Práticas e Políticas Culturais: Paradoxos e diálogos com a tecnologia Arquivos do CMD, Volume 5, N.1. Jan/Jul 2017

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. Editora Manole Ltda, 2007.

SANCHES, Fabio José. **Autogestão, economia solidária e “invenções” democráticas na América latina**. A economia solidária e os desafios globais do trabalho. São Carlos, EDUFSCAR, 2017

SAVAZONI, Rodrigo Tarchiani. **Rede Político-Culturais e Ativismo Digital: O Caso do Circuito Fora do Eixo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal do ABC, Santo André, 2013.

SERVA, Maurício. **Abordagem substantiva e ação comunicativa: uma complementaridade proveitosa para a teoria das organizações**. RAP - RIO DE JANEIRO 31(2): 108-34 MAR.ABR, 1997

SILVA, Adriana et al. **O dialogismo presente na Rede de Cultura Fora do Eixo e a gestão de políticas públicas: uma análise a partir da produção discursiva.** Artigo de pós doutoramento, FEA - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, da USP – Universidade de São Paulo, no Campus de Ribeirão Preto, 2015.

SILVA JÚNIOR, Jeová Torres, et al. **Gestão Social: práticas em debate, teorias em construção.** Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2008, 1

SILVA, Melissa Zonzon. **Economia solidária da cultura: estratégias de gestão para a sustentabilidade de grupos culturais.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social)- Universidade Federal da Bahia, UFBA. Salvador, 2017.

SINGER, Paul. Economia solidária. IN: CATTANI, Antônio David (Org.). **A outra Economia.** Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

SOARES, Eduardo Vicente. **REDES SOCIAIS - PROTAGONISMO DA MULTIDÃO E AS NOVAS FORMAS DE PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E SOCIAL: uma análise do Coletivo Fuligem de Ribeirão Preto/SP.** Dissertação grama de Pós- Graduação em Desenvolvimento Regional - Mestrado Interdisciplinar do Centro Universitário de Franca – Uni-FACEF, 2015

VIANA, S. N. **Autogestão Social.** Curso de curta duração ministrado/Extensão. Cadernos de Formação, 2008.

VILUTIS, Luana. **Pontos de cultura e economia solidária: aproximações e possibilidades.** In: II Seminário Internacional de Políticas Culturais, organizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, em 2011.

**Carta de Serviços ao Cidadão.** Site do Ministério da Cultura (MINC). Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1433812/carta-servicos>. Acesso: 13 de Julho de 2018.

**Card Fora do Eixo.** Disponível em: <http://foradoeixo.org.br/2014/01/07/fora-do-eixo-card-sistematiza-cardapio-de-servicos-da-rede-fde/>. Acessado em 10/07/2017.

**Carta de princípios Fora do eixo.** Disponível: <http://foradoeixo.org.br/historico/carta-de-principios/>. Acessado em 10 de Julho de 2017

**Gestão cultural integrada: o Circuito Fora do Eixo.** Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/gestao-cultural-integrada-o-circuito-fora-do-eixo>. Acesso em 01 de Agosto de 2018.

**Pesquisa no IBGE.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015.html> Acesso: 10 de Agosto de 2018.

**Se vira Ribeirão.** Página no facebook do movimento. Disponível em: <https://www.facebook.com/seviraribeirao>. Acesso: 06 de Julho de 2018.

**Site do Coletivo Fuligem.** Disponível em: <http://www.coletivofuligem.com.br>